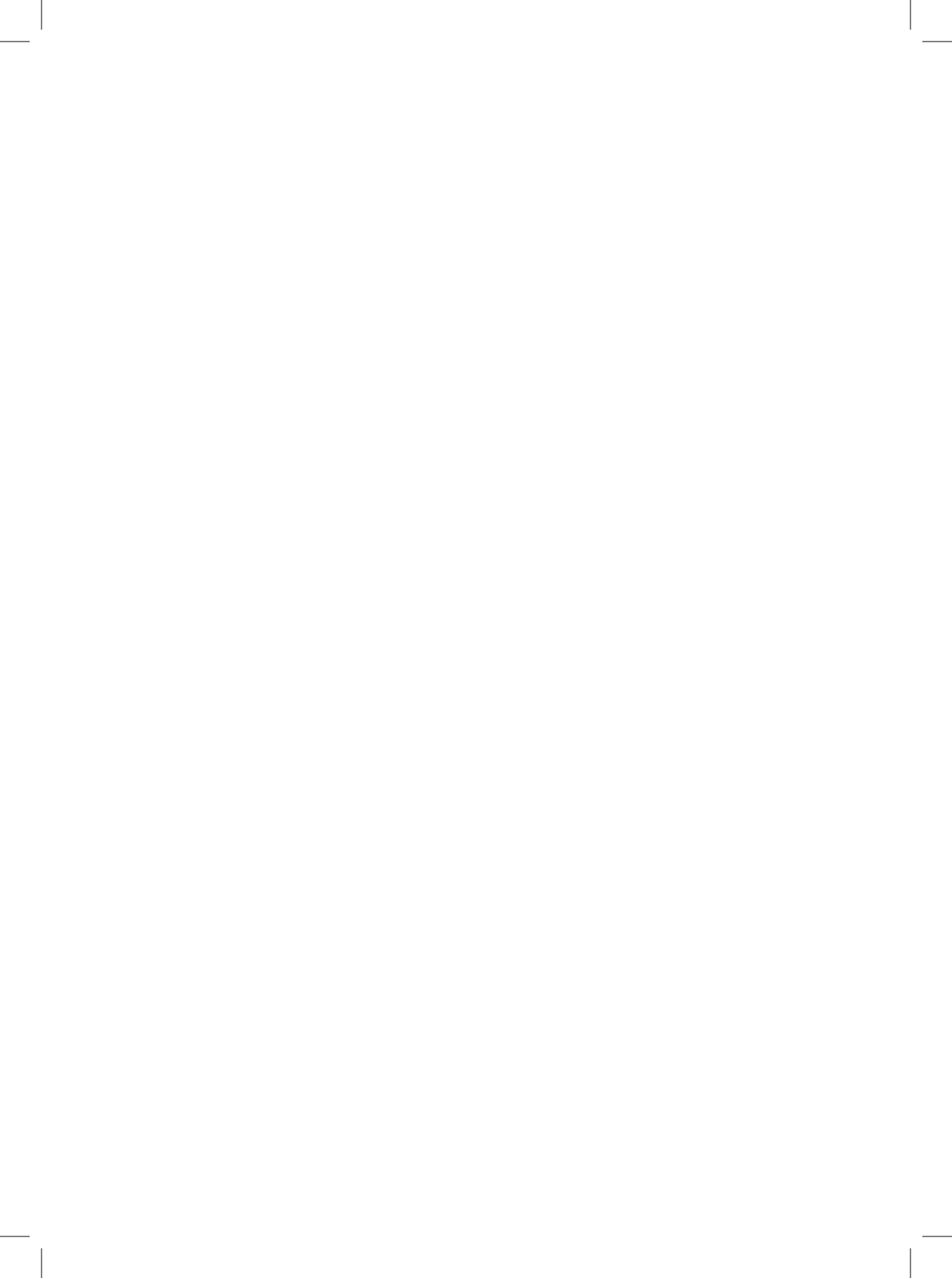


DIDÁTICA *ON-LINE*:

Letramentos, narrativas e materiais



Maria Neide Sobral
Carlos Magno Gomes
Eliana Romão

DIDÁTICA ON-LINE:

Letramentos, narrativas e materiais

 **Edufal**
Editora da Universidade Federal de Alagoas

Maceió | 2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitora

Maria Valéria Costa Correia

Vice-reitor

José Vieira da Cruz

Diretor da Edufal

Oswaldo Batista Acioly Maciel

Conselho Editorial Edufal

Oswaldo Batista Acioly Maciel (Presidente)

Fernanda Lins de Lima (Secretária)

Adriano Nascimento Silva

Ana Cristina Conceição Santos

Cid Olival Feitosa

Cristiane Cyrino Estevão Oliveira

Janayna da Silva Ávila

Maria Cristina Soares Figueiredo Trezza

Nilton José Melo de Resende

Ricardo Carvalho Cabús

Talvanes Eugênio Maceno

Tania Marta Carvalho dos Santos

Coordenação Editorial

Fernanda lins

Capa

Edmilson Vasconcelos

Editoração eletrônica e programação visual

Adilma Menezes

Revisão

Maria Dolores Machado

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Departamento de Tratamento Técnico da Editora da Ufal

Bibliotecária responsável: Fernanda Lins de Lima

-
- D555 Didática on-line : letramentos, narrativas e materiais / Maria Neide Sobral, Carlos Magno Gomes, Eliana Romão, organizadores.
– Maceió : EDUFAL, 2017.
236 p. : il
- Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-5913-023-2.
1. Educação. 2. Tecnologia digital da informação e comunicação.
3. Aprendizagem em rede. 4. Práticas on-line. I. Sobral, Maria Neide, org. II. Gomes, Carlos Magno, org. III. Romão, Eliana, org.

CDU: 371.018.43

Direitos desta edição reservados à
Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas
Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões
Centro de Interesse Comunitário - CIC
Cidade Universitária, Maceió/AL Cep.: 57072-970
Contatos: www.edufal.com.br | contato@edufal.com.br | (82) 3214-1111/1113

Editora afiliada:



AS “VIDEOAULAS” COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL E PEDAGÓGICA

Ana Mateus Silva¹

Natália Ramos²

As tendências e mudanças do ensino superior, a partir da década de 90 do século passado, associada aos novos desafios resultantes do desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), da internacionalização do ensino superior, de orientações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Cultura e a Ciência (Unesco), da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da União Europeia, fez com que os responsáveis políticos e as políticas educativas tivessem que redefinir, do ponto de vista legal, científico e pedagógico, o papel e a missão das universidades e institutos politécnicos e desenvolvido novos paradigmas educativos e pedagógicos, em função dos novos objetivos, realidades e possibilidades (SOBRAL; RAMOS, 2012).

Os processos de globalização, da internacionalização do ensino superior e da mobilidade populacional, têm contribuído para com o desenvolvimento das comunicações, dos fluxos de pessoas, de capitais e de tecnologias, das trocas de conhecimentos, para esbater as fronteiras espaciais, comunicacionais e educacionais e para a criação de uma sociedade intercultural e em rede, vindo colocar desafios a diferentes níveis, designadamente aos processos de ensino, comunicação e aprendizagem e às instituições de ensino, as quais têm de repensar os seus objetivos e papel na produção do conhecimento, na formação profissional e na promoção de novas competências (CASTELLS, 1999; RAMOS, 2009, 2011, 2013).

A Educação a Distância (EAD) tem-se afirmado como uma modalidade educativa que tem objetivo a promoção e a diversificação da oferta pedagógica, diminuindo as fronteiras espaciais, educativas e do conhecimento e alar-

1 Doutorada em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Aberta, Portugal (UAb/PT). Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI). *E-mail:* anizabel063@gmail.com.

2 Professora Associada Universidade Aberta, Portugal e Investigadora no CEMRI/UAb. Doutorada em Psicologia, Universidade de Paris V, Sorbonne. *E-mail:* natalia@uab.pt.

gando o acesso à educação às regiões mais isoladas e distantes do planeta, por meio do recurso a novas metodologias e instrumentos tecnológicos, comunicacionais e pedagógicos (SANTOS; BLAZQUEZ, 2005; VALADARES, 2011; SOBRAL; RAMOS, 2012a, 2013).

Na literatura especializada, encontramos diversos conceitos de “Educação a Distância” (EAD). O mais simples e objetivo é aquele que define a EAD como “qualquer forma de educação em que o professor se encontra distante do aluno” (BASTOS; CARDOSO; SABBATINI, 2000). Assim, para estes autores, a definição simples inclui a utilização de um grande número de tecnologias, desde as mais simples e antigas (por exemplo, a utilização de um livro) até as mais modernas e complexas (videoconferências e utilização da Internet). Os autores realçam a ideia de que a tecnologia deve ser utilizada como meio ou ferramenta para os processos de disponibilização e interação do conteúdo educacional e nunca como um fim em si mesmo, uma vez que, podendo ser uma das muitas formas de educação, os conceitos e princípios pedagógicos devem predominar.

Nos nossos dias, podemos identificar quatro fases do ensino a distância e uma quinta fase emergente. Neste sentido, Bottentuit e Coutinho (2008) salientam que a primeira geração caracteriza-se por um ensino baseado em correspondência, ou seja, numa relação em que o professor e o aluno trocam materiais didáticos pelo correio. A segunda geração surge com o advento dos recursos audiovisuais (TV educativa, vídeos e “K7’s), que fornecem aos alunos formas alternativas de aprendizagem: para além da leitura, os estudantes podem ouvir e ver imagens associadas aos conteúdos educativos, possibilitando que o ensino se adapte aos seus diferentes estilos de aprendizagem. A terceira geração aparece com a introdução da internet, que abre novos espaços para a aprendizagem e possibilita a comunicação síncrona e assíncrona não só entre professor e aluno, mas também entre pares. Nesta fase, o uso do correio eletrónico e das ferramentas de *chat* cresce de forma rápida e célere. A quarta geração é marcada pela substituição quase total do material escrito (textos, sebtas e livros) por material digital multimídia que pode ser facilmente acessado através de ambientes e plataformas virtuais de ensino e aprendizagem.

Para Gomes (2005), clarificar conceitos como “educação a distância” ou “*e-learning*” não é fácil. Com o aumento das investigações, comunicações científicas, livros e artigos que abordam estas temáticas, mais importante se torna a clarificação destes conceitos. De acordo com Gomes (2005 *apud* GARRISON,

1989, p. 2), “uma das primeiras tarefas num novo campo de estudo é, claramente, definir o fenómeno [de estudo] com alguma precisão”. De acordo com a mesma autora *apud* (GARRISON, 2005, p. 234), o conceito de *e-learning* pode abarcar situações de apoio tutorial ao ensino presencial, em que o professor-formador-tutor disponibiliza materiais, sugere recursos e interage *on-line* com os alunos, não constituindo este cenário um modelo de educação a distância.

Neste contexto, o *e-learning* assume essencialmente a vertente de tutoria “eletrônica” a estudantes que se enquadram num cenário de ensino de caráter presencial. O conceito de *e-learning* pode também estar associado a uma complementaridade entre atividades presenciais e atividades a distância tendo por suporte os serviços e tecnologias disponíveis na internet (ou outra rede). Neste contexto, existe uma articulação prevista e concebida previamente entre as atividades em regime presencial e as atividades *on-line*. Assim, algumas unidades curriculares podem ser abordadas presencialmente e outras a distância, sendo também possível, dentro de uma mesma unidade, certos componentes serem explorados em sala de aula e outros explorados a distância com base nos recursos da internet/web. Neste cenário de educação e formação, o *e-learning* permite a integração de módulos ou atividades *on-line* em modelos de formação mista, ou seja, modelos que incorporam um componente de formação *on-line* e uma componente presencial ou de *blended-learning* (*b-learning*).

O uso do **Moodle** como ferramenta de apoio na aprendizagem

A internet veio possibilitar a construção de novos espaços educativos e interativos, mobilizando novas habilidades e competências aos docentes e discentes, a fim de promover novos estilos de aprendizagem e lançar novas oportunidades e desafios. Estes expressam-se por meio de novas abordagens e modelos pedagógicos, de um novo paradigma educacional, onde se destaca a pedagogia *on-line* (SOBRAL; RAMOS, 2012a, 2013).

Para Sonego e Amaral (2012 *apud* SONEJO; AMARAL, 2012), o papel do professor na EAD, vai muito além de ser o informador, aquele que dita conteúdos, transformando-se em orientador de aprendizagem, em gerenciador de pesquisa e de comunicação no ambiente virtual. Os mesmos autores salientam que de acordo com Moran (2006), no ensino presencial, aprendeu-se a elaborar cursos em parte preparados e em parte construídos juntamente com os alunos.

O sucesso dos cursos dependia do professor, do planeamento e organização, mas também dos alunos, da sua motivação e das competências adquiridas.

O *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment* (Moodle) é uma plataforma Open Source, ou seja, pode ser instalado, utilizado, modificado e mesmo distribuído. Seu desenvolvimento objetiva o gerenciamento de aprendizado e de trabalho colaborativo em ambiente virtual, permitindo a criação e administração de cursos online, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem (RIBEIRO; MENDONÇA, 2007, p. 7- 8).

O *Moodle* plataforma, concebida pelo australiano Martin Dougiamas, para suporte educativo e criação de cursos baseados na internet, facilita a comunicação entre professores e estudantes por meio da comunicação síncrona, ou seja, em tempo-real, com a disponibilização do *chat* e de salas de discussão relacionadas com disciplinas, temas etc., permitindo, igualmente, uma comunicação assíncrona pela utilização do *e-mail* e dos fórum de discussão. Compreende também a facilidade de gestão de conteúdos na publicação, por parte dos docentes, de qualquer tipo de ficheiro, conteúdos esses, que ficam disponíveis aos estudantes (https://docs.moodle.org/dev/AMOS_manual). As plataformas facilitaram em muito a criação e gestão de cursos e disciplinas via *web*. É neste contexto que se entende existirem hoje alternativas mais flexíveis e abertas para o desenvolvimento de modelos de *e-learning* com as adaptações necessárias à formação.

A designação de *Web 2.0* segue toda a terminologia usada para atualizações (update) e evoluções (upgrade) de programas informáticos (BOTTENTUIT; COUTINHO, 2008). Para os mesmos autores, outra das grandes inovações da *Web 2.0* foi ter tornado possível aceder e usar aplicações *on-line*, com a criação de ambientes mais semelhantes ao ambiente de trabalho. Toda esta variedade de aplicativos e serviços mudaram radicalmente a forma como usamos a *web*, pois abriram novas portas para experiências de aprendizagem *on-line*. Para Bottentuit e Coutinho (2008, p. 258) “O termo “Web 2.0” gerou uma revolução na Internet e abriu caminho a novas ideias para o ensino, identificadas por *e-learning 2.0*”. Salientamos, de seguida, dois pontos que Downes (2006, p. 11) considera ser necessário ter em atenção ao implementar modelos de *e-learning 2.0*:

- a) o *e-learning* 2.0 significa ultrapassar as rígidas fronteiras das plataformas de *e-learning* tradicionais (LMS) para utilizar *softwares* sociais gratuitos e recursos interativos da *web* que passam a integrar a plataforma;
- b) o *e-learning* 2.0 significa alargar as fronteiras do grupo em formação a outras comunidades *on-line* que partilham dos mesmos interesses e necessidades, na perspectiva holística que está subjacente ao conceito de “comunidade de prática” de que fala Wenger (1998 *apud* BOTTEN-TUIT; COUTINHO, 2008).

As videoaulas

As videoaulas são uma ferramenta que diminui a distância e facilita a interação entre o estudante e o professor e vice-versa. Sacerdote (2010) refere que o novo cenário educativo mediado pelas TIC é constituído por um ambiente social amigável que valoriza a contribuição do estudante, promove o sentido de coesão do grupo e incentiva o trabalho em equipe e a socialização do estudante. Quanto ao professor/educador, este deve ser um orientador, moderador ou facilitador da interação e da aprendizagem e não um palestrante ou um provedor de respostas. Deste modo, o professor pode utilizar tecnologias como recursos educacionais para transformar a informação em conhecimento (MORÁN, 1995, *apud* SACERDOTE, 2010), cabendo-lhe ser um estimulador da curiosidade do estudante e um orientador de pesquisa de informação relevante.

A utilização da imagem em movimento, dos métodos e das técnicas audiovisuais penetraram na investigação e na formação, vindo colocar desafios e modificações em nível da observação direta e diferida, da descrição e da linguagem, da análise e da comunicação e fornecer grandes contributos para o desenvolvimento do conhecimento. A câmara, ao permitir o registo global, contínuo e minucioso das atividades, dos comportamentos e dos discursos, ao captar o gesto e a palavra, revela elementos comunicacionais, comportamentais e emocionais muito importantes para o conhecimento e abrir de novas perspectivas metodológicas, comunicacionais e educacionais e alargar os procedimentos pedagógicos e analíticos. O vídeo, o filme constitui um método científico para estudar e observar o ser humano, os seus comportamentos e representações,

as suas atividades, as suas formas de pensar e comunicar, as relações que estabelece com os outros, com o seu meio, com a alteridade e com os contextos históricos, culturais e sociais onde está inserido (RAMOS, 2003, 2005, 2010, RAMOS; SERAFIM, 2014).

O documento fílmico/videográfico constitui um meio de comunicação com o outro, um instrumento de comunicação educacional e intercultural, permitindo captar e comparar os comportamentos individual e social, a linguagem verbal, postural, gestual e emocional e os acontecimentos de um universo social e cultural na sua unidade e diversidade. Favorece, igualmente uma atitude de descentralização, indispensável em toda a relação humana e na educação e comunicação em geral (RAMOS, 2003, 2005, 2007, 2009, 2010, 2011; RAMOS; SERAFIM, 2009, 2014).

A construção final do filme/vídeo, processa-se no momento da edição do material filmado, após múltiplos visionamentos e uma análise paciente, rigorosa e minuciosa do material bruto. O resultado final é, em geral, um documento sóbrio, desprovido de efeitos técnicos (*fade*, fusão, incrustação etc.) e de comentários orais (RAMOS; SERAFIM, 2014).

Para Morán (1995), o vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, do próximo. É como se mexesse todo o corpo, como a pele que nos toca e nos faz “tocar” nos outros, que estão ao nosso alcance, pelos recortes visuais, do *close*, do som estéreo envolvente. O mesmo autor acrescenta que o vídeo explora também o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais (próximo-distante, alto-baixo, direita-esquerda, grande, pequeno, equilíbrio-desequilíbrio). Desenvolve um ver entrecortado, com múltiplos recortes da realidade, por meio dos planos e vários ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas, câmara fixa ou em movimento, uma ou várias câmaras, personagens paradas ou em movimento, imagens ao vivo, gravadas ou criadas no computador. Um ver que está situado no presente, mas que o interliga não linearmente com o passado e com o futuro. Nesse sentido, o vídeo pode ser um recurso importante para promover a aproximação no ensino a distância.

O vídeo pode ser utilizado como ferramenta pedagógica ou não, mas para ser considerado pedagógico podemos salientar o uso didático do vídeo de acordo com Morán (1995), que refere algumas propostas de utilização, nomeadamente:

- c) começar por realizar vídeos mais simples e mais fáceis e exibir depois vídeos mais complexos e difíceis, tanto do ponto de vista temático quanto técnico;
- d) vídeo como sensibilização. Segundo o autor, este aspecto é o mais importante a considerar: um bom vídeo é muito importante para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade e a motivação para novos temas. Isso facilitará o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria;
- e) vídeo como ilustração. O vídeo ajuda muitas vezes a mostrar o que se fala e a compor cenários desconhecidos dos estudantes. Um vídeo traz realidades distantes dos estudantes;
- f) vídeo como simulação. Trata-se de uma ilustração mais sofisticada que permite simular experiências que de outra forma não poderiam ser mostradas aos estudantes;
- g) vídeo como conteúdo de ensino: vídeo que mostra um determinado assunto, de forma direta ou indireta. De forma direta, quando informa sobre um tema específico, orientando a sua interpretação; de forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares;
- h) vídeo como produção:
 - como documentação: registo de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, de depoimentos;
 - como intervenção: interferir, modificar um determinado programa, um material audiovisual, acrescentando algo de novo ou editando o material de forma compacta ou introduzindo novas cenas com novos significados;
 - como expressão: como uma nova forma de comunicação adaptada à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens. As crianças adoram fazer vídeos e a escola precisa incentivar o mais possível a produção de pesquisa em vídeo pelos alunos;
- i) vídeo como avaliação: dos estudantes, do professor, do processo.

Segundo Ferrés (2001, *apud* GOMES, 2008), o vídeo é um meio de comunicação e um meio de ensino quando defende a pedagogia dos meios e a pedagogia com os meios: a primeira trata da análise crítica dos meios de comu-

nicação audiovisuais e a segunda procura incorporar, de maneira adequada, os meios e os recursos que possam potencializar a aprendizagem. Para este autor, essa dupla essência conduz-nos a dois tipos de análise: a do vídeo como meio de comunicação, que pode ser analisado quanto à sua linguagem e à sua qualidade técnica; e a do vídeo como meio de ensino, que se pode analisar do ponto de vista da exploração dos recursos da sua linguagem para fins didáticos e, ainda, do ponto de vista do uso pedagógico que se faz dele ou de qualquer outro produto audiovisual.

O primeiro passo para uma produção do audiovisual para o processo de produção de vídeos para a educação, tanto por uma equipe especializada como por uma produção “amadora”, deve ser o planejamento. O vídeo deve fazer parte do plano educacional da unidade curricular ou conteúdo que se pretende transmitir e deve ser acompanhado de uma proposta pedagógica consciente das exigências de uma educação transformadora que priorize a criatividade, a pesquisa e a formação da cidadania (SACERDOTE, 2010).

Gomes (2009) refere que, durante a concessão de um produto audiovisual, devem ser considerados os seguintes critérios: conteúdo, aspectos técnico-estéticos, proposta pedagógica, material de acompanhamento e o público a que o produto se destina, sendo este último aspecto determinante para a produção. Deve-se pensar também na execução do vídeo pelo estudante e escolher os suportes mais acessíveis e os menores formatos de arquivo que mantenham certa qualidade. Há uma grande variedade de possibilidades de produção e efeitos para edição de vídeos, bem como uma infinidade de vídeos de qualidade disponíveis na internet, mas também outros de muito pouca qualidade, quer em nível de rigor científico, quer em nível técnico. A onda elétrica, química, física, produzida pela mensagem que será processada pelo receptor, que a descodificará (transformando-a novamente em mensagem), é denominada “sinal”. O sinal geralmente é finito, tem curta duração e depende do canal. A mensagem não precisa do sinal para existir, mas apenas para ser transmitida (ALVES, 2001; SACERDOTE, 2010).

Metodologia da videoaula

De acordo com Schnaid, Zaro, Timm, (2006), a construção de projetos de educação a distância para a educação profissional e tecnológica contém desa-

fios peculiares e distintos de projetos convencionais. Assim, a experiência de coordenação do ensino a distância permitiu construir esse projeto a partir da complexidade na escolha do modelo mais adequado em função das solicitações do público-alvo. A solução escolhida foi a de um modelo com presencialidade acentuada, tendo apenas duas unidades curriculares sido lecionadas em *b-learning*. Estas unidades curriculares, em que será avaliada apenas uma, foram concebidas no âmbito do “Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco” da Escola Superior de Portalegre – Instituto Politécnico de Portalegre, onde se procedeu a gravação de algumas aulas, disponibilizadas posteriormente no *youtube* com hiperligação à plataforma *Moodle*. Foi uma solução baseada fortemente na internet, sendo necessário que os professores e estudantes tivessem acesso a uma infraestrutura adequada de acesso à rede.

O projeto previa algumas aulas presenciais na escola, ou seja, nas três primeiras semanas as aulas foram presenciais, bem como nas últimas duas semanas do semestre. Este projeto teve uma abrangência restrita e atendeu a um público reduzido, para conteúdos de natureza complexa. Foram previstos laboratórios específicos para ensaios – módulo de ambientação *on-line*, presencial e a distância contando com a coordenadora do projeto e professora da unidade curricular, que acumulava as duas funções. Neste projecto, não houve espaço para *e-tutors*, sendo que as aulas presenciais no módulo de ambientação foram em salas de informática. Desenvolvemos um estudo de caso, de tipo quantitativo e qualitativo. Procurou-se comparar a percepção dos estudantes a respeito da videoaula no processo de aprendizagem na unidade curricular “Estilos de vida saudáveis e prevenção de dependências”. A obtenção de dados foi feita por meio da análise estatística do *youtube* e da análise de questionário no *Google Docs*.

Sentimos necessidade de uma nova metodologia neste curso de mestrado pelas dificuldades e pela resistência dos estudantes em virem à instituição e participarem nas aulas na modalidade de *e-learning*, tendo em vista a avaliação realizada no primeiro semestre. Estas modificações tiveram como objetivo proporcionar aos estudantes a participação nas aulas em *e-learning* de uma forma mais positiva e motivadora.

O desenho da videoaula foi estabelecido pela coordenadora e contou com a colaboração de um técnico do ensino em *e-learning* e gravado na sala preparada para o efeito. De acordo com a carga horária da disciplina, foi esta-

belecido certo número de aulas em regime de *e-learning*. O tempo total das gravações era de cerca de 15 a 20 min, podendo na mesma aula apresentar-se dois vídeos, apresentadas em *powerpoint* e *prezi*. Após as gravações, os vídeos eram trabalhados (som e imagem) pelo técnico e disponibilizados no *youtube* com hiperligação à plataforma *Moodle*. As aulas gravadas foram disponibilizadas dois dias antes das videoconferências agendadas, para que os estudantes pudessem visualizar e preparar-se para a videoconferência. Inicialmente, era disponibilizado no próprio dia, mas a pedido dos estudantes passou a ser dois dias antes.

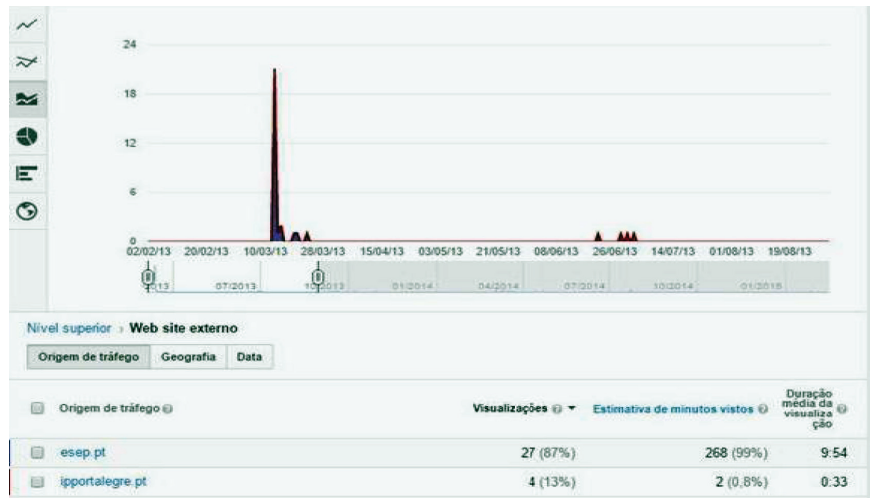
Apresentação dos resultados

Esta unidade curricular decorreu no ano letivo de 2012/2013, estando inscrito um número total de 11 estudantes, sendo quatro do sexo masculino e sete do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 22 e os 34 anos.

Apresentaremos três videoaulas em que o tipo de vídeo, de acordo com Morán (1995), foi um vídeo como conteúdo de ensino. Seleccionamos vídeos com temáticas diferentes, com um espaçamento de cerca de um mês entre os primeiros dois vídeos e de dois meses entre o terceiro, para termos uma abrangência maior das visualizações e análises dos mesmos.

O primeiro vídeo tratava o tema “Qualidade de vida” e teve a duração de 12 min e 40 segundos. Este vídeo foi disponibilizado no dia 10/03/2013 e foi visto 20 vezes neste dia, como podemos verificar na figura 1. Este resultado leva-nos a concluir que alguns estudantes viram-no mais do que uma vez. O tempo de visualização total foi de 4h30 min e a duração média de visualização foi de 8 min e 42 segundos, o que faz supor que os estudantes nem sempre viram o vídeo na íntegra de cada vez que o visualizaram.

Figura 1. Vídeo – “Qualidade de vida”



Fonte: Silva (2015)

Na figura 1, podemos verificar que a maioria das visualizações foi no dia que disponibilizamos o vídeo, seguindo-se mais três visualizações na mesma semana e voltando a ser visualizado no final do semestre e também verificar que estas visualizações foram através dos sites *www.esep.pt* (Escola Superior de Educação) e *www.ipportalegre.pt* (plataforma *e.web* do Instituto Politécnico de Portalegre).

Figura 2. Visualizações do vídeo “Qualidade de vida” durante o semestre

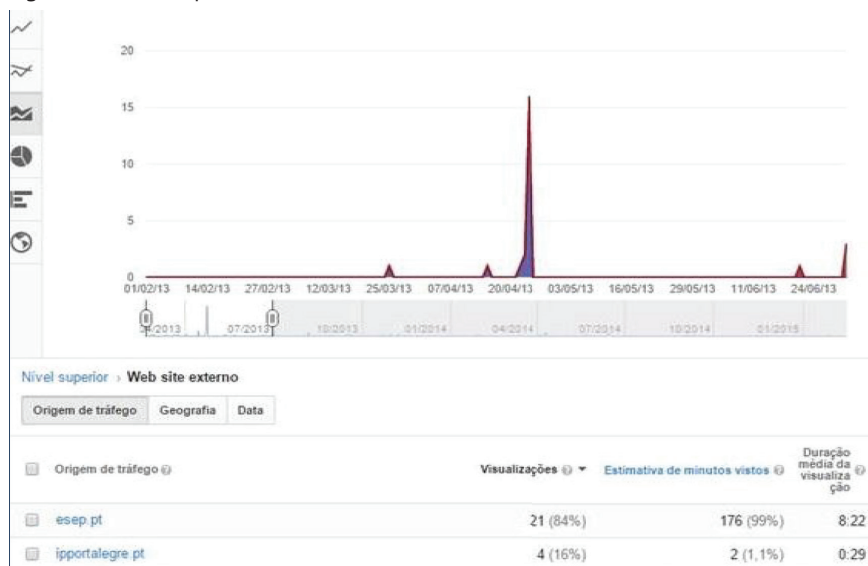


Fonte: Silva (2015)

Na figura 2, podemos verificar que o número de visualizações no segundo semestre foi de 31, havendo no total 11 estudantes. Ao questionarmos os estudantes sobre este fato, obtivemos como resposta que numa primeira fase assistiam o vídeo e depois voltavam a vê-lo para apontamentos. No final, alguns estudantes visualizaram-no novamente para fazerem os trabalhos finais de avaliação.

“A importância do sono”, outro vídeo selecionado, e teve a duração de 14 min e 54 segundos. Este vídeo foi disponibilizado em 20/04/2013, sendo visualizado três vezes nesse dia e nos dois dias seguintes 13 vezes. O tempo de visualização total foi de 3h32 min., com duração média de visualização de 4 min e 14 segundos e um total de 31 visualizações (figuras 3 e 4). Tal como as visualizações das videoaulas anteriores, também estas foram pelos sites *www.esp.pt* e *www.ipportalegre.pt*. A visualização da videoaula manteve-se, tal como na videoaula sobre a “Qualidade de vida” na semana em que foi disponibilizada a aula e no final do semestre.

Figura 3. Vídeo “A importância do sono”



Fonte: Silva (2015)

Figura 4. Visualizações do vídeo “A importância do sono” (2º semestre)



Fonte: Silva (2015)

A última videoaula selecionada para avaliação foi dedicada ao “Tabaco” e foi realizada com menos tempo do que as anteriores, com o objetivo de verificar se haveria diferenças nas avaliações dos estudantes. Constatamos que o número de visualizações no total do semestre foi de 29, o tempo total de 42 min e uma duração média de visualização de 2 min e 26 segundos (figuras 5 e 6). Esta videoaula teve apenas o tempo de 4 min e 11 segundos., mas mesmo com a diminuição do tempo da videoaula o número de visualizações foi superior ao número de estudantes, uma vez que estes eram apenas de 11 estudantes. Foram mantidas as características das videoaulas anteriores, isto é, foram visualizadas na semana de disponibilização da videoaula e no final do semestre.

Ao serem questionados sobre o porquê do número de visualizações, os estudantes responderam que se devia ao fato de não terem tomado nota das orientações dadas para o estudo desta matéria. Tal como nas visualizações das videoaulas anteriores, estas foram igualmente feitas através dos sites www.esp.pt e www.ipportalegre.pt.

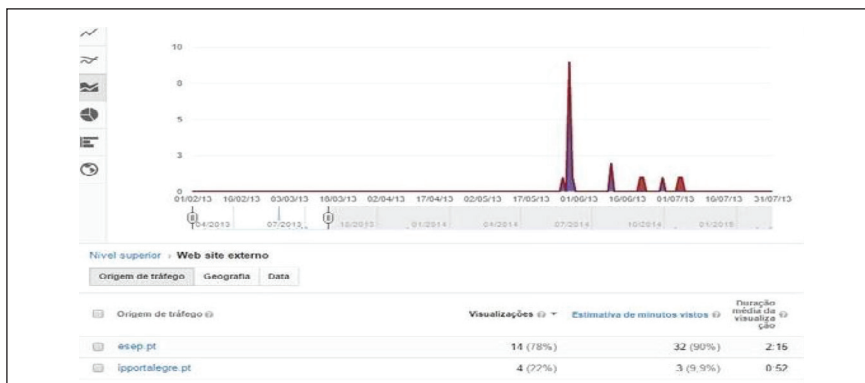
As “videoaulas” como estratégia educacional e pedagógica

Figura 5. Vídeo “Tabaco”



Fonte: Silva (2015)

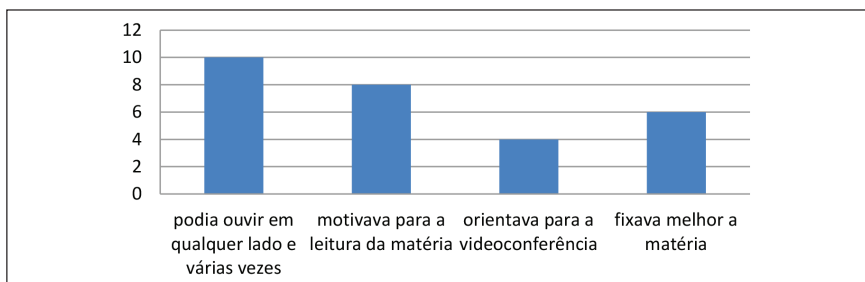
Figura 6 - Visualizações do vídeo “Tabaco” (2º semestre)



Fonte: Silva (2015)

Resultados do questionário elaborado no Google Docs

Analisaremos de seguida algumas das respostas ao questionário realizado no *Google Docs* com hiperligação à plataforma *moodle* no final do semestre. Este questionário foi feito no seguimento de outro, que já foi realizado no final do primeiro semestre, quando os estudantes referiram gostar mais das videoaulas em detrimento de outras, nomeadamente *chat*, *forum*, *wiki*. As duas questões que iremos analisar foram de resposta aberta.

Quadro 1. Motivos que levaram a gostar das videoaulas

Fonte: Google Docs, Silva (2015)

Como podemos verificar na figura 7, em primeiro lugar aparece o motivo: “Ouvir em qualquer lado e várias vezes” com o registo de sete pessoas, seguindo-se, com oito registos, o motivo “Motivava para a leitura da matéria”. Para além das razões apontadas pelos estudantes, também quisemos saber as percepções dos mesmos ao visualizarem as videoaulas.

Quadro 2. O que sentiam aquando das visualizações das videoaulas

Percepções	Nº	%
Parecia que a professora estava à nossa frente	6	16
Por vezes respondia ao que nos questionava	4	10
Percebia-se quando gostava mais do tema, falava mais	5	13
Víamos as aulas em grupo e comentávamos, a roupa, o sorriso, o ambiente	4	10
Fixávamos melhor a matéria e apetecia ver outros vídeos/documentários	6	16
Quando terminava apetecia ver de novo	5	13
Gostava da videoaula logo no início de cada módulo	4	10
Motivava para a leitura	4	10
Total	38	100%

Fonte: Google Docs, Silva (2015).

Como podemos constatar da análise aos Quadros 1 e 2, as mais evocadas são, ambas com o total de 16%, as percepções “Parecia que a professora estava à nossa frente” e “Fixávamos melhor a matéria e apetecia ver outros vídeos/documentários”, seguindo-se, ambas com 13%, as percepções: “Percebia-se quando gostava mais do tema, falava mais” e “Quando terminava, apetecia ver de novo”.

Considerações finais

A utilização do vídeo constitui um suporte educacional importante tanto para a investigação fundamental ou aplicada, como para a formação nos diferentes domínios científicos, sendo fundamental para a elaboração de produtos comunicacionais e pedagógicos.

As videoaulas são uma mais-valia para colmatar distância sentida pelos estudantes na modalidade pedagógica de *e-learning*. Os estudantes que fizeram parte da pesquisa preferiam o regime presencial relativamente ao ensino a distância, sentindo-se pouco motivados e familiarizados com as ferramentas do *Moodle*, nomeadamente *forum*, *chat* e *wiki*. Os estudantes gostavam das videoaulas e visualizavam as mesmas em pequenos grupos, as quais eram seguidas de discussão entre eles. As gravações eram colocadas no *youtube* com hiperligação à plataforma *Moodle*, não se encontrando disponibilizadas ao público em geral.

Conseguimos dar resposta ao nosso objetivo, que era o de compreender as percepções dos estudantes relativamente às videoaulas. Estes referiram, num total de 16% que “Parecia que a professora estava à nossa frente e fixávamos melhor a matéria e que “Apetecia ver outros vídeos/documentários”. Seguiram-se, com 13%, as opiniões de que: “Percebia-se quando gostava mais do tema, falava mais” e de que: “Quando terminava apetecia ver de novo”. É importante registar que o número total de visualizações teve pequenas diferenças entre as três videoaulas, mantendo-se maior número de visualizações na semana em que a aula era disponibilizada, voltando a ser visualizada no final do semestre.

Concluir que as videoaulas podem ser utilizadas como ferramenta no ensino a distância na modalidade de *e-learning*, uma vez que as mesmas incentivam a curiosidade e a pesquisa e ajudam a manter o interesse, a atenção e a motivação. O vídeo, a imagem animada sonora tem influência a diferentes níveis no indivíduo, na relação pedagógica, na comunicação, na criatividade, na pesquisa, na aprendizagem e no conhecimento (RAMOS, 2003; 2005, 2010). Esta ideia vai ao encontro da de Marcondes Filho (1998 *apud* SACERDOTE, 2010) quando ele refere que o vídeo desperta a curiosidade, prende a atenção, parte do concreto, interfere com a mente e o corpo, educa mesmo sem fazer tal afirmação, procura inovar, entre outras particularidades.

Referências

- ALVES, A. **O teatro como um sistema de comunicação**, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v24n1/v24n1a05.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015.
- BASTOS; CARDOSO; SABBATINI. **Uma visão geral da educação à distância**. Disponível em: <http://www.edumed.net/cursos/edu002>, 2000. Acesso em: 3 fev. 2015.
- BOTTENTUIT JUNIOR, J. B.; COUTINHO, C. P. Do e-learning tradicional para o e-learning 2.0. **Revista Paidéi@**, Santos, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8533/1/index.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2013.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DOWNES, S. Learning Networks and Connective Knowledge. **Instructional Technology Forum**, 2006. Disponível em: <http://it.coe.uga.edu/itforum/paper92/paper92.html>. Acesso em: 8 fev. 2015
- ESMAE. **Manual do moodle**. 2008. Disponível em: http://www.esmae-ipp.pt/diversos/MANUAL_MOODLE_final.pdf. Acesso em: 2 fev. 2013.
- GOMES, L. **Vídeos Didáticos: uma proposta de critérios para análise**. Disponível em: http://ucbweb2.castelobranco.br/webcaf/arquivos/20429/14961/Texto_5___Analise_de_Videos.pdf. Acesso em: 19 fev. 2013.
- GOMES, M. **E-learning: reflexões em torno do conceito**, 2005. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2896/1/06MariaGomes.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2013.
- MALLMANN, E. M. **Inovações na docência universitária: tecnologias de Informação e comunicação na (re)elaboração de materiais Didáticos na modalidade a distância**, 1996. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT16-4292--Int.pdf>. Acesso em: 25 out. 2012.
- MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: sistemas de aprendizagem on-line**. 3 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- MORÁN, J. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação**. São Paulo, vol. 2, p. 27 a 35, jan./abr, 1995. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/36131/38851>. Acesso em: 14 fev. 2015.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PASSOS, F.; BARBOSA, T. **Guia de Produção de Material Didático**. CEAD/UFV. Disponível em: https://www2.cead.ufv.br/cead/files/professor/producao_mat-didatico.pdf. Acesso em: 6 fev. 2015.

RAMOS, N. Perspectivas metodológicas em investigação: o contributo do método fílmico. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 37, 3, p. 35-62, 2003.

_____. Sociedades Multiculturais, Interculturalidade e Educação. Desafios Pedagógicos, Comunicacionais e Políticos. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 41, (3), p. 223-244, 2007.

_____. Contribuição do método fílmico para o estudo das representações sociais: Perspectivas teóricas e de pesquisa. In: MOREIRA; CAMARGO; JESUINO; NÓBREGA (Orgs.). **Perspectivas Teórico-Metodológicas em Representações sociais**. João Pessoa, UFPA: 2005. p. 365-400.

_____. Educar e formar na sociedade multi/intercultural: contributos para a comunicação intercultural e cidadania. In: MACHADO, G. J. C.; SOBRAL, M. N. (Org.). **Conexões: educação, comunicação, inclusão e interculturalidade**. Porto Alegre: Redes Editora, 2009, p. 15-17.

_____. Cinema e Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas: Contribuição do Filme Etnopsicológico para o Estudo da Infância e Culturas. **Contemporânea**, v. 9, n. 2, 2010, Salvador, UFBA.

_____. Educar para a interculturalidade e cidadania: Princípios e desafios. In: ALCOFORADO *et al.* (Org.). **Educação e formação de adultos**. Políticas, práticas e investigação. Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra, 2011. p. 189-200.

_____. Interculturalidade (s) e mobilidade (s) no espaço europeu: viver e comunicar entre culturas. In: PINA, H. ; MARTINS, F. ; FERREIRA, C. **Grandes problemáticas do espaço europeu: Estratégias de (re)ordenamento territorial no quadro de inovação, sustentabilidade e mudança**. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/78814>. Acesso em: 8 fev. 2015.

RAMOS, N.; SERAFIM, J. F. Cinema e mise en scène: Histórico, método e perspectivas de pesquisa intercultural. **Revista Repertório**, v. 13, 2009.

RAMOS, N.; SERAFIM, J. Comunicação em saúde e antropologia fílmica. In ALAIC 2014, Peru. **Anais do XII Congresso da Associação Latino Americana de Investigadores da Comunicação**. Lima: PUCP, 2014. Disponível em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/Natalia-Ramos.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2015.

RIBEIRO, E.; MENDONÇA, G. **A importância dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem na busca de novos domínios na EAD**, 2007. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/4162007104526AM.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015.

SACERDOTE, H. C. S. Análise do Vídeo Como Recurso Tecnológico Educacional. In: **Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas** – v.2, n.1. 2010. Disponível em: http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/artigos/videos/Revelli.v2.n1.artigo03.pdf,. Acesso em: 2 fev. 2015.

SANTOS, N. **Educação à distância e as novas tecnologias de Informação e Aprendizagem**. 2001. Disponível em: <http://www.engenheiro2001.org.br/programas>. Acesso em: 18 jan. 2010.

SANTOS, I. P.; BLAZQUEZ, F. **Incorporação das novas tecnologias no ensino superior**: inovações metodológicas. Goiânia: R&F, 2005.

SERAFIM, J. F. ; RAMOS, N. Antropologia fílmica e a pesquisa em saúde. In: RANGEL-S, M.L.; GUIMARÃES, J. M.; BELENS. A. (Orgs.). **Saberes em Saúde, Ciência e Comunicação**. Salvador: Edufba, 2014 p. 95-119.

_____. Representação da doença no cinema documentário autobiográfico. In: **Avanca /Cinema 2014**. Avanca: Ed. Cine-Clube de Avanca, p. 896-901, 2014.

SOTO, U.; MAYRINK, M. F; GREGOLIN, I. V. (Orgs.). **Linguagem, educação e virtualidade**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 6 fev. 2015.

SCHNAID, F.; ZARO, M.; TIMM, M. (Orgs.). **Ensino de engenharia**: do positivismo à construção das mudanças para o século XXI. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SILVA, A. **Qualidade de vida 1**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kAJ8iRRp1IY>. Acesso em: 6 jan. 2015.

_____. **A importância do sono**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hlvm-iCLytA>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. **O Tabaco**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Krk-68fbAV0>. Acesso em: 12 jan. 2015.

SILVA, A. **Questionário de avaliação das videoaulas**. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/viewform?usp=send_form. Acesso em: 8 set. 2013.

SOBRAL, M. N.; RAMOS, N. Processo de Bolonha e Internacionalização do Ensino Superior. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 8, p. 107-115, 2012.

_____. Narrativas orais sobre modelo pedagógico inovador na educação a distância da universidade aberta/Portugal. In: ANTÓNIA P.; NÚRIA L.; VERÓNICA V. (Coord.). **Innovación y creatividad: Adversidad y Escuelas creativas**. Barcelona: GIAD-UB, 2012.

_____. Integração das tecnologias da informação e comunicação na formação docente em Portugal (2005-2010). **Revista Praxis Educacional**, v. 9 (14), p. 103-122, 2013.

SONEGO, A., AMARAL, E. **O Uso do Moodle como Ferramenta de Ensino Colaborativo: um Estudo Focado no Wiki**. IEEE-RITA, v. 7, n. 4, nov. 2012. Disponível em: <http://rita.det.uvigo.es/201211/uploads/IEEE-RITA.2012.V7.N.4.A5.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2015

VALADARES, Jorge. **Teoria e prática de educação a distância**. Lisboa: Universidade Aberta, 2011.